



O léxico bélico do *Old English* no épico *The Battle of Maldon*

Italo Papi da Costa

Resumo: A partir de uma discussão acerca da importância do conhecimento de *Old English* para a formação do idioma inglês moderno, o presente trabalho busca, através de um levantamento lexical dos termos relativos ao universo bélico no épico *The Battle of Maldon*, escrito por volta de 991 d.C., trazer à consideração elementos lingüísticos pertinentes ao processo de tradução dos étimos originais para o inglês moderno. Serão apresentados problemas de tradução do antigo inglês para o inglês moderno com propostas que prezem uma melhor visualização da realidade da época. Ao mesmo tempo, proceder-se-á à contextualização histórico-social da Inglaterra do século X, época de surgimento do texto supracitado. Dados históricos sobre a origem e formação do idioma *Old English* também serão apresentados.

Palavras-chave: Antigo inglês; Anglo-saxão; Tradução.

Abstract: Through an analysis about the importance of the Old English in the formation of Modern English, this paper intends to, based on a study of the warfare lexicon terms presented in the epic “The Battle of Maldon”, written at 991 A.D., consider linguistic elements related to the translation process from the original to its Modern English versions. Quirks in the translations from Old to Modern English will be discussed bringing to light proposals that will better portrait the reality of those times. At the same time, an historical and social contextualization of the X century England will be shown, which is contemporary to the poem analysed. Historical data concerning the origin and formation of the Old English language, will also be presented.

Keywords: Old English; Anglo-saxon; Warfare.

I. Introdução: por que estudar o antigo inglês?

“Não deveria ser necessário justificar qualquer estudo em particular, pois sendo a pesquisa intrinsecamente interessante, logo há interesse em aprofundar-se nela. Mas, às vezes, é preciso mostrar porque uma área de pesquisa, somente por si, é útil, informativa ou até mesmo relevante em comparação com outras e onde ela se encaixa em um plano maior” (In: Lass, 1994, 9).

O que leva o pesquisador do Antigo Inglês a estudar esta primeira fase de formação da língua inglesa é o seu interesse por um trabalho que se prenda às áreas de história literária e lingüística do Inglês. Existe também, e aí me incluo, a simples necessidade de se fazer algo que ainda é pouco explorado dentro da academia brasileira, aliado ao impulso de vencer um desafio e passar por uma experiência acadêmica capaz de mudar formas de pensamento ou até mesmo, futuramente, uma trajetória de vida.

Tencionamos, a partir deste projeto, fornecer aos futuros estudiosos da língua inglesa um cabedal mínimo de informações acerca daquele período lingüístico do inglês e de algumas de suas obras. Inicialmente isso será feito de modo a possibilitar uma compreensão melhor do que era o Antigo Inglês e, em um estágio posterior, mostrar suas influências nas obras de hoje através de suas diferenças ou peculiaridades em relação ao inglês moderno.

II. Esboço histórico do germânico

II.1. Formação das línguas germânicas: um breve guia

Para se atingir o objetivo desta pesquisa é necessário que primeiro haja uma compreensão histórica do que foi o *Old English* e qual a sua importância até a constituição do inglês moderno.

De acordo com Campbell (2003, 1-2.) o Antigo Inglês é o primeiro estágio lingüístico do inglês, língua proveniente da família indo-européia, mais precisamente do braço germânico. Este primeiro dado lança por terra uma idéia que habita o universo de muitos estudantes ocasionais da língua inglesa (não-pesquisadores, não-docentes), qual seja, a de que o inglês é anterior ao alemão. Ambas são oriundas do Germânico Antigo e seus primeiros textos aparecem por volta dos séculos VIII e IX.

Enfim, o Germânico Antigo evoluiu em três grandes grupos: Germânico Nórdico, Oriental e Ocidental. No entanto, de acordo com Lass (1994, 13), esta é provavelmente uma divisão secundária, pois outras particularidades evolutivas podem ter ocorrido em tempos mais remotos e ainda ágrafos. A. Campbell (2003,1-2) melhor explica estas variantes da seguinte forma:

- A) O Germânico Oriental consiste do Gótico Ocidental, encontrado em fragmentos de uma versão da Bíblia do século quarto d.C.
- B) O Germânico Nórdico subdivide-se em: Nórdico Oriental (principalmente Dinamarquês e Sueco) e Nórdico Ocidental (principalmente Norueguês, Islandês e Feróico; este último ainda utilizado nas Ilhas Faroese.).

- C) O Germânico Ocidental é composto por línguas com certa similaridade histórica, possuindo um período antigo, médio e moderno. O primeiro dura até 1.100 d.C. e o segundo até 1.500 d.C.. As línguas germânicas bem documentadas nesta fase antiga são: Antigo Alto Alemão, Antigo Saxão e Antigo Inglês. Antigo Alto Alemão e Antigo Inglês transformaram-se posteriormente em Médio Alto Alemão e Médio Inglês. Do espaço geográfico denominado “platt” (baixo) em alemão temos Médio Holandês, Médio Baixo Alemão e Frísio Antigo.

Citando Lass (1994, 12), os primeiros textos germânicos são rúnicos, o mais antigo datando de 200 d.c.

Abaixo, um exemplo de um fragmento achado na Dinamarca, para que se tenha uma idéia da escrita rúnica:

bidawarijaztalgidai
Bida-Warijaz talhou (isto)

Todos estes detalhes mencionados, e ainda muitos outros, servem para melhor nos situar no momento em que, ao tratarmos do Antigo Inglês, falarmos acerca de um estágio evolutivo do inglês com sete séculos de passado, muito rico e com muitas contribuições, empréstimos, acréscimos e outros fatores lingüísticos, de significativa importância.

Compartilhamos da opinião de alguns estudiosos desta área como Killings, Campbell, Tolkien, etc., que consideram o Antigo Inglês um importante estágio lingüístico do idioma inglês, merecedor de análises acuradas, seja pela escassez de informações em torno deste, seja para entender a sua essência histórico-lingüístico-cultural, pois os dados ali presentes são (con)formadores dos padrões gramaticais do *Modern English*.

Concentremo-nos agora no Antigo Inglês, para que só então entremos em nosso objetivo primeiro.

II.2. O Antigo Inglês: dados histórico-lingüísticos

O Antigo Inglês possui uma estrutura completamente diferente e muito mais complexa do que o inglês utilizado hoje. Isto pode ser compreendido, observando-se suas variantes e estruturas e entendendo sua formação através de dados históricos e lingüísticos no tocante à Inglaterra.

Diversos povos habitaram a Europa Medieval. De acordo com Campbell (2003, 3), os invasores germânicos da Inglaterra consistiam de anglos, saxões e

jutos. Estes povos geraram dois dos principais dialetos do Antigo Inglês: o Anglio e o Saxão Ocidental. Estes dois dialetos diferenciaram-se devido ao isolamento geográfico entre eles na Inglaterra. O Kentonês é outro dialeto que gradualmente aparece em documentos do século nono, porém de forma bem escassa.

Em toda a sua extensão, o Antigo Inglês possui quatro dialetos bem documentados: o Nortúmbrio, o Mércio, o Saxão Ocidental e o Kentonês. O Nortúmbrio e o Mércio são classificados como dialetos anglios (In: Campbell, 2003, 4). O Mércio segue uma classificação usada por eruditos para citar qualquer dialeto anglio com exceção do Nortúmbrio. O Nortúmbrio, de acordo com Hickes (*Thesaurus I.*, 1705, 87-88), foi principalmente usado nos 270 anos que precederam a conquista normanda, ou seja, é cronologicamente anterior aos outros dialetos supracitados.

Um importante fato que ajudou a unificar a língua foi que, depois do ano 900 d.C., o Saxão Ocidental passou a ser considerado língua padrão, reduzindo e absorvendo as características do Mércio e praticamente apagando o Kentonês, que já tinha pouca expressão.

Mesmo quando o Saxão Ocidental tornou-se um dialeto literário bem estabelecido e também fortaleceu-se como língua escrita padrão, diversos manuscritos ainda apresentavam falta de uniformidade gráfica, demonstrando com isso sua origem dialetal. Isto acaba por definir uma das características do Antigo Inglês que é a extensão e variedade de seu vernáculo.

Em suas características estruturais, vale ressaltar que esta é uma língua composta por um sistema de declinações, dividida em declinações fortes, fracas e menores. Possui três gêneros: masculino, feminino e neutro. É formada também por classes gramaticais bem estruturadas, com adjetivos, pronomes, verbos, numerais, substantivos, artigos e advérbios. A língua também conserva duas letras em formato rúnico: o [þ] e o [ð], ambos com sons equivalentes ao [th] como na palavra *that* e ao [th] como na palavra *thin*, podendo assim serem interpretadas como fonemas surdo e sonoro. Com o passar do tempo, essas letras passaram a representar ambos os fonemas, sendo possível usar tanto um quanto outro para fonemas surdos ou sonoros.

Estas características podem aproximar o Antigo Inglês do Antigo Alemão como o Inglês Moderno jamais o foi com relação ao Moderno Alto Alemão. De acordo com Orrin W. Robinson (1992, 1-3), o inglês e o alemão moderno são tão diferentes em sua pronúncia, vocabulário e gramática, que os falantes fluentes de apenas uma destas duas línguas não conseguem se comunicar.

No entanto, existem pontos semelhantes no estágio atual dos idiomas em diversos aspectos, como no vocabulário: “*Mann/man*”, “*Maus/mouse*”, “*Vater/father*”; na maneira de distinguir a forma comparativa e superlativa dos adjetivos: “*dick/thick*”, “*dicker/thicker*”, “*dickst(en)/thickest*”, e na maneira de indicar o passado dos verbos: “*lachen-lachte/laugh-laughed*”, “*hassen-hasste/hate-bated*”, “*lieben-liebte/love-loved*”, apenas para citar muito poucos exemplos. Mais dados a respeito podem ser retirados de estudos de Gramática Comparada e Histórica desses idiomas.

Os primeiros textos primordiais destes então dialetos, se comparados, mostrarão que estas similaridades eram muito maiores e as diferenças muito menos freqüentes do que as presentes hoje. Robinson (1992, 4-6) cita duas hipóteses para confirmar tal idéia. A primeira é o fenômeno do empréstimo lingüístico, que pode ter ocorrido com muita freqüência entre o inglês e o alemão no passado.

A segunda, caso se considere a língua como um organismo vivo sempre em mutação, é representada pela idéia de que o inglês e o alemão eram *dialetos de um mesmo idioma*. Ambas representam desenvolvimentos divergentes de um sistema original único, como pode ser observado com maiores detalhes no capítulo segundo do presente ensaio.

III. Inglaterra: dos bretões a Maldon

III.1. Os primeiros povos das Ilhas Britânicas e Irlanda

As Ilhas Britânicas têm 1200 km de comprimento e 320 km de largura. Cinco nações já habitaram estas ilhas, sendo elas: os ingleses, os escotos, os bretões, os pictos e os latinos (romanos).
(*apud* The Anglo-Saxon Chronicle, parte 1, p. 1).

Os primeiros habitantes foram os bretões, que vieram da Armórica e povoaram as ilhas na região sul. Em seguida, os pictos desceram de seus poucos barcos na região norte da hoje Irlanda, encontrando os escotos que lá já habitavam. Estes três povos, com o passar dos anos, ocuparam a Irlanda e as Ilhas Britânicas. Suas relações estreitaram-se a tal ponto que, em dado momento, a mistura de linhagens reais entre esses povos começou a ocorrer (*apud* The Anglo-Saxon Chronicle, parte 1, p. 1).

Os romanos tentaram, muitos séculos depois, invadir o território destas culturas, sem sucesso. No ano 60 a.C., uma incursão romana esmagou os bretões em batalha, mas, ainda assim, falhou em estabelecer o poder do Império naquela região. Este fato somente será consumado no ano 47 d.C., quando um exército romano, sob o comando do Imperador Cláudio subjuga

toda a ilha e todos os povos que lá habitavam. Assim, as Ilhas Britânicas tornam-se uma província romana.

Essa situação permaneceu por quase quinhentos anos, e acabou quando as legiões romanas tiveram de retornar para o continente, a fim de evitar o colapso do Império. Somente então, com esta oportunidade, os povos germânicos entraram nas ilhas. Esse foi o primeiro dos eventos que fariam com que essa região, muito no futuro, viesse a ser chamada de “Englaland”, “terra dos anglos” (*apud* R. Quirk; V. Adams; D. Davy, 1975, 4).

Pouco se sabe dos 150 primeiros anos de colonização anglo-saxã, pois estes eram povos essencialmente iletrados. A partir do ano 600 d.C. diversas missões cristãs começam a catequizar várias comunidades da região, incluindo seus reis. Em pouco tempo, a Inglaterra tornava-se um centro de aprendizado e saber, cujo centro cultural e religioso se situava na Irlanda.

Mesmo sendo o latim a língua ensinada, com o grego em segunda instância, o forte senso de unidade e respeito aos antigos ensinamentos, religiões e costumes fez com que suas línguas-mãe e/ou dialetos falados se convertessem também para a forma vernacular.

Os séculos seguintes foram repletos de batalhas entre os povos da região, que lutavam tanto entre si quanto contra os invasores vikings, cada vez mais numerosos.

No ano 991 de nossa era, quando a Inglaterra era governada pelo rei Æthelred II, um exército escandinavo desembarcou no condado de Essex. Byrhtnord, o representante do rei na região, vai ao encontro dos vikings. Tal fato culmina na batalha de Maldon, que será tratada a seguir.

III.2. Os pormenores da batalha de Maldon

A batalha de Maldon foi travada entre os anglo-saxões, liderados por Byrhtnord, e os invasores vikings, liderados por Justin e Guthmund. Autoridades em história medieval afirmam que a batalha teria ocorrido entre 10 e 11 de agosto, no ano de 991 d. C., conforme Bill Griffiths (2003, 5).

Maldon, então chamada Maeldun (“monte com uma cruz”), situava-se a leste da ilha Northey, acima do estuário Blackwater. O terreno era parte planície e parte mangue, o qual se inundava em maré alta.

Antes dos vikings levantarem acampamento e saírem da ilha de Northey, Byrhtnoð e seus vassalos rapidamente reuniram uma milícia local e estabeleceram-se na parte seca e firme do terreno. Ao chegarem, os vikings exigiram de dentro do mangue tributos de ouro e prata, para que não atacassem a cidade. Tendo Byrhtnoð se recusado a pagar tal tributo, tanto anglo-saxões quanto vikings esperaram pela maré baixa, para que pudessem fazer a travessia e travar batalha.

Os saqueadores avançavam pelo terreno pantanoso; contudo, três dos vassalos de Byrhtnoð impediram seu avanço. Os invasores, então, pediram permissão para atravessar o terreno até a parte seca e lutar de forma justa. O pedido foi aceito, tendo início finalmente a batalha.

A conclusão da batalha deu-se no momento em que o líder dos anglo-saxões foi abatido por um viking. Muitos soldados imediatamente debandaram, quebrando as fileiras anglo-saxãs e desfazendo a muralha de escudos do exército defensor. Apenas alguns guarda-costas pessoais permaneceram combatendo ao lado do corpo de seu senhor, lutando até a morte a fim de proteger o corpo da profanação.

Essa batalha foi apenas um atraso corriqueiro na vitoriosa expedição dos guerreiros vikings. Durante os quatro meses seguintes, diversos condados foram forçados a comprar a paz, com tributos em ouro, prata e provisões. A incursão escandinava poderia ter sido impedida, se o representante do rei no condado de Essex tivesse negado o pedido dos vikings por uma luta justa.

A batalha de Maldon seria apenas uma dentre muitas da época, não tivesse sido imortalizada no poema homônimo.

IV. O poema e seu léxico: fidelidade cultural

IV.1. Breves detalhes acerca do poema *ABatalha de Maldon*

A data do poema ainda permanece incerta, sendo situada por uns nos anos 990, logo após a batalha; outros, contudo, a situam nas primeiras décadas do século XI (*apud* GRIFFITHS, 2003, 6).

O poema pode ser visto com três diferentes fundos: político, pois acredita-se que teria sido escrito com a intenção de estimular a resistência aos invasores vikings; histórico, por narrar a batalha; e heróico (ao menos em um primeiro momento), como descreve George Clark (2006, 1): “a intuição identifica o poema como heróico, Byrhtnoð como herói e o tema como a exaltação aos heróis e a condenação aos covardes...” e novamente no trecho: “O orgulho

que incentiva Byrhtnoð a dar passagem aos vikings é o mesmo espírito heróico que o levou a optar pela batalha ao invés de tributos.” (2006, 71)

É um poema, cujo manuscrito não foi encontrado em sua forma integral. Consiste em 325 versos, que podem ser divididos em duas partes; a primeira narra os preparativos da batalha e o início da mesma, culminando na morte de Byrhtnoð; a segunda relata nomes, pensamentos e ações dos guerreiros que permaneceram no campo de batalha, a fim de proteger o corpo de seu senhor.

De autoria anônima, foi escrito originalmente em Antigo Inglês, de acordo com a tradição germânica; é rico em aliterações, usadas para causar maior impacto e dar ritmo ao poema.¹

IV.2. O léxico bélico: Uma aproximação da realidade

Após aproximar o leitor dos povos e línguas das ilhas britânicas e Irlanda desde seus primórdios até o século décimo, o trabalho concentrar-se-á em seu objetivo primeiro: apresentar o léxico bélico do Antigo Inglês no épico “*A Batalha de Maldon*” e propor uma tradução mais próxima da realidade da época, através da pesquisa histórico-lingüística. Para tanto, usar-se-ão versões do poema em Antigo Inglês e inglês moderno, com o intuito de se fazer com sucesso uma comparação das traduções das palavras referentes ao léxico bélico contidas no texto. A intenção de tal análise é mostrar a necessidade de se pensar na cultura e na história implícitas nos versos, a fim de se tentar ser o mais fiel possível à realidade da época.

Logo no segundo verso a palavra “hyssa” (warriors) recebe na tradução de Jonathan A. Glenn uma interpretação falha, ao nosso ver, sendo transcrita como “young man”. Os guerreiros jovens, chamados “geogoð”, são dispostos logo atrás da “ord” (linha de frente) e à frente dos “duguð” (veteranos), se considerarmos o arranjo das forças anglo-saxãs de acordo com Pollington (2002, 41-42). Em uma tradução anônima, “hyssa” aparece como “Warrior”, sendo o singular também falho, pois as declinações do Antigo Inglês somente permitem terminações em –a em sua forma plural. Palavras como “hilde” (battle), “feohte” (fight), “wige” (war) e “guþe” (combat) aparecem em diversos momentos do poema como nos versos 8, 9, 13, 33, 53, 123, 128, etc. Em alguns casos, por mais que estas palavras sejam sinônimos, uma tradução não tão precisa pode dar uma idéia diferente daquela que o autor tinha

¹ Por exemplo os versos 25-27 no idioma original e com aliterações marcadas em negrito, para que se melhor observe o recurso literário em questão: “þa stod on stæde, stiðlice clypode / **W**icinga ar, **W**ordum mælde. / Se on **b**eot **a**bead **b**rimlīþendra”.

planejado. Uma palavra para “jovem” (sexo masculino) em Old English é “cniht”, que em inglês moderno sobrevive como “knight” (cavaleiro).

Este termo, originalmente, é uma referência à “jovem servo”, mas no século décimo aspectos de serviço militar foram incorporados a este termo lexical, aproximando-o de seu significado moderno. Ela aparece no épico *The battle of Maldon* nas linhas 8-9: “o jovem / não se acovardaria perante a batalha”² e nos versos 152-153: “ao seu lado um rapaz, ainda garoto / um jovem na guerra”³. Pollington diz (2002, pág. 79) que essas passagens mostram que um “cniht” não apenas figurava no campo de batalha, mas dele se esperava a participação da luta.

No que tange, por exemplo, ao vocábulo “guerra”, existem três classes de radicais formadores para aquela palavra e seus sinônimos em *Old English* (Pollington, 2002, 113): “beadu-”, “beado-” que significa uma batalha realística, sangrenta mas não assustadora; “heaðu-” que está relacionada aos aspectos trágicos da guerra e finalmente “here-”, “hild-”, “gað-” e “wig-” que estão associados à fama e glória das batalhas e feitos heróicos nela realizados”. Quando, no verso 103 a tradução é feita como “fight” e “battle”, cremos haver um erro, pois o termo mais indicado seria “fight”. Em primeiro lugar, pelo fato de que a palavra registrada é “feohte”, sendo esta a origem direta da palavra “fight” do inglês moderno e em segundo, porque o que se relata é o encontro das primeiras fileiras de homens e não a batalha de todo o exército.

A palavra “ord” precisa de uma atenção especial. Como mencionado acima, ela pode significar a vanguarda do exército, mas também a ponta de uma lança. Nos versos 47 e 69, “ord” deve ser interpretada de maneiras diferentes. No primeiro: “Ættrynne ord and ealde swurd”, a tradução correta seria “ponta”, como em Griffiths (2003, 23) “poisonous point and old swords”, e em Pollington (2002, 272) “deadly point and ancient swords”.

Nos versos 68 e 69, “Hi þær Pantan stream mid prasse bestodon / eastsæxena ord and se æschere”, o termo “ord” foi traduzido corretamente por Griffiths como “battle-front”. Dentro do contexto do verso, essa tradução faz muito mais sentido: “They stood about the Pant’s stream in their war-might / the East Saxon *ord* and the viking here” (Pollington, 2002, 272).⁴ Apesar de as duas ocorrências da frase “ættrene ord” no texto poderem ser traduzidas literalmente como “pontas envenenadas”, não existem evidências de que os

² No original: “*cniht nolde / wacian at þam wige*”.

³ Sendo o original “*him be healfæ stod hyse unweaxen / cniht on gecampe*”.

⁴ “Eles permaneceram às bordas do rio Pant em sua potência guerreira / Aqui, o *fronte* Saxão Oriental e o Viking” (tradução nossa)

anglo-saxões envenenavam suas armas. Pollington sugere (2002, pág. 183) a tradução “deadly point” (ponta mortífera), uma vez que as ocorrências de infecções nas feridas causadas pelas armas deveria ser altíssima. Essas infecções poderiam dar a idéia de que as lâminas ou flechas, por si somente, continham veneno.

Quanto ao armamento, grandes erros podem ser encontrados. Jonathan A. Glenn parece ter empreendido uma tradução sem pesquisar os armamentos usados na época e, talvez, por desconhecer os termos, tenta fazer uma aproximação. Em: “Bord and brad swurd; beot he gelæste”(verso 15 no original em Antigo Inglês) , Glenn assim o traduz: “Board and Bright sword; his boast he performed”. Nossa proposta de tradução, contudo, seria: “Large-shield and broadsword; he vowed to carry”. A tradução mais próxima desta foi a de Bill Griffiths (2003, 42): “board-shield, broadsword; that boast he made good”.

Dois tipos de escudos são mencionados no texto, “bord” e “randam”. O segundo é o clássico escudo anglo-saxão, redondo e de madeira. O primeiro é feito em forma de prancha no estilo romano, bem maior que o anterior. “Brad swurd” seria a espada de lâmina larga, facilmente perceptível pela palavra “brad” (broad).

Lanças, lanças de arremesso e variantes também faziam parte do arsenal anglo-saxão e aparecem em muitos momentos no texto épico. No verso treze, a palavra “gar” (que é o termo genérico para lança) aparece pela primeira vez e em todas as traduções encontradas ela foi traduzida como “spear”. Como no verso 149, a palavra “daroð” (lança de arremesso) e no verso 136 a palavra “sceaft” (bastão) aparecem, surge em meu ver a necessidade de se apresentar uma tradução mais específica, de forma a retratar de forma exata as armas usadas pelos guerreiros.

As traduções, na ordem em que aparecem, para tais palavras foram: “shaft” e “javelin” no texto de Bill Griffiths, “spear shaft” e “spear” no texto anônimo e “shaft” e “hand-dart” na versão de Jonathan A. Glenn. Um outro problema encontrado localiza-se no verso 77, quando a palavra “franca” é traduzida em todas as versões como “spear”. “Franca” refere-se à francisca, (arma comum entre os francos, que deu origem ao nome deste povo [Pollington, 2002, 117]), uma espécie de machado de arremesso, e não uma lança como é sugerido nas traduções.

Existem dezessete variantes para espada e onze variantes para lança no léxico do Antigo Inglês, o que mostra a forte ligação anglo-saxã com a arte de guerrear e a variedade de material bélico disponível.

Quanto aos guerreiros, algumas disparidades lexicais merecem ser comentadas. Sabe-se que o exército anglo-saxão era composto pela guarda pessoal de Byrhtnoð, por alguns homens de infantaria e de milícias recrutadas em vilas próximas. No verso 24, o poema menciona a tropa de elite do conde Byrhtnoð, definida em inglês moderno por um tradutor anônimo como “vassalos”. Apesar da veracidade deste termo, ele não é preciso. Muito provavelmente, o autor quis mencionar sua guarda pessoal (“*heorðwerod*” = “*hearth-troop*”), ao citar que o conde ficava junto aos seus mais leais homens. Isso remete aos primórdios da estrutura social inglesa da Bretanha, centrada no líder local (Pollington, 2002, 41).

Presumidamente, estes homens comiam, cavalgavam, dividiam os prós e contras e até mesmo dormiam nos salões (“*meadhall*”) com seu líder. Esses grupos formavam uma aliança bem estruturada, representando uma irmandade (Pollington, 2002, 41). “*Werod*”, se for analisada de forma isolada, remete a “*warband*” (bando de guerreiros). Esse grupo tinha entre seis e dez homens, pois menos que isso os tornaria inefetivos e mais comprometeria o funcionamento coeso do grupo em combate.

A palavra “*feþan*”, no verso noventa, foi traduzida por Glenn e Griffiths como “*foot-troops*”, o que seria uma tradução por demais literal. “*Footman*” ou até mesmo “*infantry*”⁵ seria uma boa opção de tradução, se observarmos que este povo conhecia táticas bem estruturadas. O poema *The Battle of Maldon* contém referências à decisão de desmontar cavalos para atravessar um pântano, negociações de paz e até mesmo uma formação de batalha, pela qual os anglo-saxões ficaram conhecidos, chamada muralha de escudos, que será discutida mais adiante.

Diversos outros termos aparecem com traduções duvidosas e, em alguns casos, sem tradução. A palavra “*byrne*” (cota de anéis de aço) que aparece na linha 144 foi traduzida como “*armor*” por Bill Griffiths e como “*ring-locked mail*” por Glenn. Sendo “*byrne*” um termo genérico para armadura, nada mais justo traduzi-la como cota de anéis de aço, sendo esta a peça de proteção mais comum entre os reinos anglo-saxões. Uma palavra, que poderia retratar com

⁵ A palavra infantaria é sugerida para ilustrar que havia uma diferença entre tropas que lutavam montadas e desmontadas. Seu propósito é, também, de mostrar que existia uma milícia composta por vilões locais e não apenas soldados treinados.

maior precisão a imagem da vestimenta militar anglo-saxã sem causar grandes problemas para os recursos lingüísticos do poema, seria “chainmail”.

Esta palavra foi usada em uma tradução feita por um autor anônimo. No verso 145, o leitor encontra a palavra “hringlocan”, uma referência direta à armadura composta por anéis de aço. Esta palavra originou o termo do inglês moderno “ring locked”. Penso que esta proposta de tradução é muito interessante, pois descreve a armadura de forma precisa e mantém o recurso de aliteração do poema, o que pode ser observado na versão de Bill Griffiths (2003, 47): “hard rings of mail”.

Uma série de outros termos bélicos presentes em *The battle of Maldon* merece referência, seja pela precisão de suas traduções até então, ou seja pela importância ao retratar aspectos da sociedade guerreira anglo-saxã. São feitas duas menções à formação tática chamada “muralha de escudos” no texto: no verso 102, “wihagan” e no 242 “scyldburh”, traduzidas por Griffiths como “war-wall” e “shieldwall”.

Segundo Pollington (2003, 215), o formato exato da muralha de escudos é incerto. Alguns dizem que os soldados ficavam ombro a ombro, com os escudos superpondo-se e outros que era uma linha flexível. Esta estratégia pode ter sido copiada dos romanos, que a chamavam de “testudo”, por lembrar um casco de tartaruga.

Outro exemplo relativo ao parágrafo anterior está ligado aos versos 163 e 166, as palavras “bruneccg” e “fealohilte swurd” servem para descrever a qualidade e beleza da espada do herói Byrhtnōþ. O original “Ða Byrhtnōð bræd bill of sceðe/ brad and bruneccg and on þa byrnan sloh/ To raþe hine gelette lidmanna sum/ þa he þæs eorles earm amyrde./ Feoll þa to foldan fealohilte swurd” foi traduzido por Pollington como: “Byrhtnōþ drew his sword from the sheath, / broad and *bright-edged*, and struck at his byrnie. / One of the seafarers was too quick, hindered him / when he wounded the eorl’s arm. / The *golden-hilted* sword fell to the earth.”⁶

No entanto, Warren S. Walker foi além. “Bruneccg” significa lâmina marrom (Brun = brown). Através de uma análise do processo de forja dos metais que são usados na lâmina de uma espada, Walker (1952, 516-520) prova que a tradução para “marrom” é precisa. Espadas consideradas de qualidade excelente são aquelas que passam por um cuidadoso processo de forja. Depois

⁶ Nossa proposta, em português, é: “Byrhtnōþ sacou sua espada / larga e superior, atingindo a cota de malha. / Um dos navegantes foi muito rápido, o conteve / quando o braço do conde acertou. / A espada de empunhadura dourada caiu por terra.”

de moldado, o metal precisa ser esquentado lentamente para a temperatura de 255 C° e depois resfriado rapidamente. Qualquer temperatura acima de 265 C°, mesmo que por uma fração de segundo, torna a espada muito dura para ter um gume e temperaturas abaixo de 230 C° farão com que seja muito quebradiça.

Logo, se seguirmos essa lógica, as melhores espadas são aquelas que chegam bem próximas, em seu processo de forja, a 265 C°. O ferro, quando esquentado entre as temperaturas de 255C° e 265C°, apresenta uma coloração marrom incandescente. Assim, quando se diz que um guerreiro anglo-saxão possui uma “bruneccg”, significa que ele possui uma espada de excelente qualidade. Nossa opção de tradução para o Inglês Moderno seria “fine blade”.

Quando as palavras colocadas em uma tradução são complementadas por uma pesquisa histórico-cultural, acreditamos haver uma certeza muito maior da veracidade da versão, mesmo em um texto tão antigo.

V. Considerações finais

Quando se traduz um poema, o autor pode optar por alterar algumas palavras em favor da sonoridade e da métrica do poema. No caso da *The Battle of Maldon*, e também em muitos outros poemas anglo-saxões, os tradutores modificam muitas palavras, para que se mantenha presente a aliteração. Esta característica é uma marca registrada do estilo poético de muitos povos daquela região e, portanto, também seria um erro desconsiderá-la para se prezar a fidelidade lingüística.

A solução encontrada por Bill Griffiths merece ser um exemplo seguido por muitos. Antes de começar a tradução, o autor explica o processo de aliteração e metrificação do poema em questão (1991, 11-17) e apresenta uma tradução com as palavras ideais ou o mais próximo possível de seu significado original, pois, como citado, houve alguns deslizes, para depois alterar algumas palavras, sempre apontando quais, para preservar os recursos estilísticos do poema.

Desta forma, o leitor pode entender o que realmente acontecia, sem as distorções causadas pelo processo de tradução para o inglês moderno e, ao mesmo tempo, apreciar a beleza dos recursos poéticos empregados.

A pesquisa histórica aliada ao conhecimento do Antigo Inglês, para frisar novamente, ajudou este trabalho a mostrar que se pode melhorar um texto para preservar a cultura e dar aos leitores meios de melhor visualizar um guerreiro anglo-saxão e sua real forma de combate.

VI. Bibliografia

CAMPBELL, A. *Old English Grammar*. Oxford: University Press, 2003.

CLARK, George. *The Battle of Maldon: A heroic poem*. *Speculum*, Vol. 43, N° 1, 1968.

GLENN, Jonathan A. *The Battle of Maldon – Modern English Translation*.
<http://faculty.uca.edu/~jona/texts/maldon.htm>, 1982, capturado em 05 Novembro de 2006.

HICKES, *Thesaurus i*. 1705.

GRIFFITHS, Bill. *The Battle of Maldon – text and translation*. Norfolk: Anglo-saxon Books, 2003.

INGRAM'S EDITION. *The Anglo-saxon Chronicle*. Online Medieval and Classical Library
Release #17. <http://omac.org/>, capturado em 05 de Novembro de 2006.

KILLINGS, Douglas B. *The Battle of Maldon – Modern English Translation*
<http://www.georgetown.edu/faculty/ballc/oe/maldon-trans.html>, 1991-1996, capturado em 05
Novembro de 2006.

LASS, Roger. *Old English – A historical linguistic companion*. Cambridge: University Press, 1994.

POLLINGTON, Stephen. *Wordcraft – New English to Old English Dictionary and Thesaurus*.
Norfolk. Anglo-Saxon Books, 2004.

POLLINGTON, Stephen. *The english warrior – From earlist times till 1066*. Norfolk Anglo-
Saxon Books, 2002.

ROBINSON, Orrin W. *Old English and its closest relatives – a survey of the earliest germanic
languages*. Stanford: University Press, 1992.

WALKER, Warren S. *The brunecg Sword*. *Modern Language Notes*, Vol. 67, N° 8, 1952.